

APRESENTAÇÃO

In memoriam

MARCEL DETIENNE

* 11-10-1935

† 21-03-2019

A crise tem sido um *tópos* cada vez mais constante nas discussões de várias disciplinas das Humanidades desde meados do século XX até o presente, sobretudo a partir de uma alardeada crise da leitura e dos valores tradicionais pretensamente atrelados a ela. O tom apocalíptico de uma série de títulos dos estudos literários publicados nas últimas décadas é um curioso sintoma dessa situação: *O declínio da cultura ocidental* (Allan Bloom, 1989); *Quem matou Homero?* (Victor Davis Hanson e John Heath, 1998); *A morte de uma disciplina* (Gayatri Spivak, 2003); *A literatura em perigo* (Tzvetan Todorov, 2010). Ainda que compartilhem certo mal-estar perante a situação atual dos estudos literários, esses autores divergem no que diz respeito às causas do problema: para os mais conservadores, a relativização do

cânone e de seus valores tradicionais tem trazido problemas de formação e dificuldades pedagógicas; para os mais progressistas, o engessamento institucional e curricular dificulta a possibilidade de que tradições alternativas a esse cânone sejam devidamente estudadas. Com desdobramentos na cena literária brasileira – de José Guilherme Merquior e Leyla Perrone-Moisés a Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda –, esse debate parece configurar mais uma reatualização da eterna *Querelle des Anciens et des Modernes*, na linha do que já era sugerido em *Literatura Europeia e Idade Média Latina* por Ernst Curtius (2013, p. 313).

Cientes da oportunidade que momentos de crise – real ou imaginária – oferecem a quem queira rever os critérios de seus próprios juízos (est)éticos, a fim de delinear renovadas possibilidades de crítica (ou diferentes regimes de leitura), nós da *Em Tese* recebemos uma multiplicidade de contribuições orientadas principalmente por: i) análises do contexto sociocultural das últimas décadas no campo dos estudos literários, com tomadas de posição explícita com relação à dita situação de crise (seja por meio de um

trabalho de crítica literária, seja por meio de uma discussão teórica); ii) retomadas de debates relevantes para a história dos estudos literários, a partir da célebre antinomia “antigos x modernos”, na antiguidade, no renascimento, na modernidade e na contemporaneidade.

O Dossiê temático inicia-se com o texto “Guerra fratricida na cultura sob a mais falsa crise”, da autoria de Dirceu Villa. Assumindo o tom irreverente de quem não baixa a cabeça para regras e formalidades exigidas a despeito de seu absurdo, o autor propõe uma série de considerações pertinentes para o cenário de crise no mundo contemporâneo: remontando a alguns episódios do que entende como uma “guerra fratricida na cultura”, ele defende a busca por vias possíveis para a instauração de diálogos que acolham e respeitem as diferenças, sempre por meio de posicionamentos críticos com relação ao presente. Esse artigo

(de opinião, alguns poderiam dizer) dá o tom do dossiê e sugere vários dos pontos de contato entre as subsequentes propostas de artigo e a problemática contemporânea.

Abrindo o grupo de textos guiados por uma preocupação histórico-literária com a noção de crise cultural, temos a contribuição de Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho e Natan Henrique Taveira Baptista, sob o título de “As *Silvae* de Estácio e o desenvolvimento do gênero lírico na Antiguidade”. A partir de uma conscienciosa retomada da história do gênero lírico desde a Grécia arcaica, os autores avançam uma análise sobre as continuidades e rupturas testemunhadas pelo mesmo – sobretudo a partir da influência da epidítica de matriz retórica – no *opus magnum* do poeta latino Estácio (séc. I d.C.). Já com o artigo “Decadência denunciada pelo riso: gênero, intertextualidade e crítica no *Satyricon*”, Caroline Morato Martins propõe

uma interpretação da obra de Petrônio (autor também do séc. I d.C.) que atenta para sua rica malha intertextual, considerando o potencial crítico que a mesma alcança por meio do riso como forma de denúncia da decadência moral e artística da sociedade romana da época. Contrariando as leituras que veriam no *Satyricon* uma forma “rebaixada” de literatura, a estudiosa sugere que a mistura de registros linguísticos e de gêneros textuais seria uma forma refinada de crítica social. Ainda no âmbito de textos e temáticas da Antiguidade, Igor B. Cardoso propõe seu instigante artigo “Luciano de Samósata e a ficção da tradição democrática”, defendendo que os usos e abusos da terminologia democrática grega presentes na obra desse autor *pós-antigo* (segundo a célebre expressão difundida entre nós por Jacyntho Lins Brandão) indicariam uma fratura entre o *antes* e o *agora*. Contrariando a prática de historiadores do período clássico, para os quais o passado recente se convertia em forma

de iluminar os caminhos futuros, segundo tal interpretação, Luciano (séc. II d.C.) reconheceria a artificialização da continuidade temporal, com plena consciência de que a mesma podia se prestar ora a naturalizar o processo de dominação ora a colocar o passado em disputa.

Na sequência, passando já para o contexto de discussão literária na Modernidade, Thiago Santana oferece um artigo dedicado à análise da crise cultural representada pela *Querelle des Anciens et des Modernes* em contexto francês. Destacando uma dimensão específica desse debate mais amplo – qual seja, a *Querelle sur Homère* –, o estudioso propõe um questionamento sobre a definição de crítica moderna a partir dos posicionamentos delineados pelos principais participantes dessa polêmica (Mme. Dacier e Houdar de La Motte, no início do séc. XVIII) e avança uma revisão sobre a pretensa constituição dos fundamentos

críticos modernos nesse debate que apenas aparentemente colocaria em xeque as premissas da doutrina classicista. Avançando para o contexto de produção literária de fins do séc. XIX, contamos com a instigante proposta de Francine Fernandes Weiss Ricieri, intitulada “Formas da crise: a prosa, o prosaico, o poema, o poético, o jornal”. Debruçando-se sobre o caso de Pedro Kilkerry e (em menor medida) Cruz e Sousa, a estudiosa sugere a análise de uma forma de crise específica no interior de suas obras: a tensão entre um projeto de escrita poética usualmente descrito como hermético (a poesia simbolista) e um ambíguo movimento rumo ao público, sinalizado pela atuação jornalística, e com frequência desdobrado em uma prosa que oscila entre a duplicação do tom elevado dos versos e a proposição de um tom baixo ou rebaixado, em geral aproximado à crônica. Deslocando-nos para o contexto estadunidense das primeiras décadas do séc. XX, encontramos o artigo de

Roberta Fabbri Viscardi, intitulado “A crise da narração e a narração da crise em duas obras de F. Scott Fitzgerald”. Levando em conta a situação de crise econômica cujo ápice se deu em 1929, a autora analisa a representação que Fitzgerald propõe da sociedade estadunidense em dois de seus grandes romances: *O grande Gatsby* (1925) e *Suave é a noite* (1934). No caso de ambas as obras, busca-se identificar de que modo esse contexto socioeconômico extremamente crítico, em associação com os mecanismos por trás da ideologia do sonho americano, pode ser relacionado a uma crise da narração em Fitzgerald.

Voltando ao contexto brasileiro, agora já em pleno séc. XX, Thayane Verçosa oferece seu interessante artigo, “De sapateiros e escritores: Graciliano Ramos e a literatura como trabalho manual”. A estudiosa analisa a querela protagonizada no final da década de 1930 por Graciliano

Ramos, Mário de Andrade, Jorge Amado e Joel Silveira, destacando a concepção que Graciliano aí esboça sobre o fazer literário ao colocar-se abertamente em oposição tanto à cultura parnasiano-bacharelesca vigente à época quanto ao programa estético do Modernismo de 1922. Em seguida, Christian Werner oferece uma contribuição intitulada “Tradição clássica em *Primeiras estórias* de J. Guimarães Rosa”. O estudioso destaca três contos do livro rosiano (“O espelho”, “Pirlimpisquice” e “Darandina”), mostrando de que modo narradores e personagens aí recorrem ao repertório da cultura clássica, em evidente recusa à noção de que essa cultura clássica deva se manifestar como algo imutável e intocável, mas sim como algo que propicie a construção de um discurso de ruptura e descontinuidade.

Ampliando a discussão para o contexto internacional, agora em obras da segunda metade do século XX,

Ana Carolina Negrão Berlini de Andrade oferece o texto “Língua, sociedade e arte em *Empirismo Eretico*, de Pasolini”. Por meio de uma leitura atenta dessa coletânea de artigos publicados na imprensa entre os anos sessenta e setenta pelo célebre diretor e intelectual italiano, a estudiosa faz uma análise das convicções sociais e estéticas que aí se delineiam, abordando três eixos principais: língua, literatura e cinema. Indicando a existência de inegáveis unidade e coerência por trás dessa obra, apesar da fragmentação inerente ao próprio arranjo de artigos publicados antes como textos independentes, o texto indica de que modo Pasolini respondeu à forte crise social vivenciada pela Itália desse período. O último dos artigos de crítica literária do nosso dossiê é da autoria de Igor de Souza Soares e tem por título “Um coração exterior’: a escrita ‘fora de si’ de Manuel António Pina”. Analisando a obra desse poeta português, desde seu marco inicial em 1974, o estudioso sugere que

seu fazer poético se fez em contraste não apenas com o discurso da prosa, mas também com o da poesia majoritária ou hegemônica em seu próprio contexto histórico e geográfico: sobressaindo-se por uma negatividade radical, com desejo de absoluto, a obra de Manuel António Pina poderia ser caracterizada como uma escrita contraditória, paradoxal e absurda, configurando-se como expressão e experiência de uma crise imanente à própria escrita na contemporaneidade.

Encerrando o dossiê temático deste número da *Em Tese*, Roosevelt Araujo da Rocha Junior propõe uma reflexão intitulada “Por que o Brasil precisa dos Estudos Clássicos”. Em que pese seu caráter ensaístico, esse texto foi colocado em posição de destaque por configurar uma tentativa de discutir certas ideias que possam servir de argumento para a defesa da importância dos Estudos Clássicos num

país como o Brasil, ainda mais num contexto como o que vivemos atualmente em 2019. O autor aí sugere que o incremento de estudos e de difusão dos conhecimentos na área de Clássicas deveria ser encarado como condição *sine qua non* para o desenvolvimento de uma independência intelectual no país. Esperemos que – para além das possíveis insuficiências que a execução do projeto avançado com a chamada “Em torno a uma crise clássica” venha a encontrar por parte do público – nossa iniciativa realmente venha a suscitar um debate de ideias capaz de movimentar todas as pessoas envolvidas com a reflexão e a promoção da cultura no contexto em que vivemos.

Passemos agora à seção de Teoria, Crítica Literária, outras Artes e Mídias. No artigo “Eça de Queirós contista: o gótico nas narrativas ‘A aia’, ‘O tesouro’ e ‘O defunto’”, Xênia Amaral Matos analisa os modos como esses contos

do autor português, ao apresentarem elementos característicos da tradição gótica, expressam o objetivo de que o leitor sinta medo por meio do suspense. Tais elementos são classificados como *tópoi* pela pesquisadora, que se vale da maneira pela qual o conceito de *tópos* é compreendido por E. R. Curtius e Umberto Eco. Por sua vez, Valdemar Valente Junior, em “O Modernismo e a Revolução de 1930: alguns aspectos”, busca mostrar que determinadas mudanças na sociedade brasileira, ocorridas entre os anos de 1920 e 1930, atuaram como fatores para problemas nacionais serem incorporados e denunciados pela produção literária da segunda geração modernista (que se aproveitou de conquistas formais da fase anterior).

Compondo a seção de Tradução e Edição, contamos com a excelente contribuição de Guilherme Gontijo Flores, intitulada “A Arte Poética de Horácio: Uma nova tradução

poética”. Após uma breve introdução muito rica sobre essa que é uma das mais célebres obras do importante poeta latino – sua *Epistula ad Pisones* [*Carta aos Pisões*], também chamada de *Ars poetica* [*Arte poética*] –, incluindo questões de datação, interpretação, dificuldades textuais até um levantamento das versões anteriormente já traduzidas para o português, o estudioso oferece sua própria tradução do poema: guiando-se por princípios poéticos (métricos e musicais), sem descuidar da precisão terminológica, Guilherme Gontijo Flores oferece aqui uma das mais belas versões para línguas modernas que a *Arte poética* horaciana já conheceu. Trata-se de um trabalho que há de se revelar uma referência incontornável não apenas para futuros estudiosos da poética clássica, mas também para quem se interesse pelas potencialidades do português como língua de tradução poética: consolidando a posição do Brasil na cena de tradução poética mais radical, essa obra dá continuidade

à herança legada pelas reflexões dos irmãos Campos, em especial pelas proposições irreverentes da transcrição haroldiana.

Na seção *Em Tese*, Laura Janina Hosiasson e Gabriel Bueno da Costa trazem o artigo “Sobre o estilo de Daniel Sada: uma leitura de Albedrío”, que costura algumas questões de embate entre a tradição literária e a cultura popular na prosa do autor mexicano.

Retomando as preocupações que orientaram a chamada deste número da *Em Tese*, passamos agora às Entrevistas. Profundamente relacionada às temáticas a fins àquilo que temos aqui chamado de “uma crise clássica”, a entrevista exclusiva que ora publicamos constitui um documento contemporâneo importante para quem queira refletir sobre as dificuldades, desafios e possibilidades vivenciados pela literatura e pela cultura de modo geral na atualidade.

Nela, Jacyntho Lins Brandão responde com seu já conhecido bom humor a uma série de perguntas sobre a pretensa “crise da cultura”, a situação da literatura brasileira atual, bem como sobre o papel do ensino em meio a tudo isso. Trata-se da perspectiva lúcida de um professor acadêmico que nunca perde de vista a realidade mais geral típica de um verdadeiro cidadão do mundo contemporâneo.

Dentre as Resenhas submetidas à apreciação para publicação no presente número, destacamos aquela que André Malta ofereceu: comparando três traduções brasileiras recentes da tragédia clássica *Édipo Rei* de Sófocles, o estudioso propõe uma série de reflexões tradutológicas que apontam a pujança e a diversidade da universidade brasileira na área de Clássicas atualmente. O cotejo de trechos específicos das traduções aí resenhadas oferece a possibilidade de se compreenderem os ganhos e as perdas das opções

que cada tradutor fez ao se mostrar fiel às próprias concepções, para além do que se poderia exigir de fidelidade a um pretense texto ou sentido mais originais. Na sequência, Rafael Guimarães Tavares Silva resenha o livro *Biografia literária: Luciano de Samósata*, organizado por Jacyntho Lins Brandão. Nessa obra, o estudioso reúne textos luciânicos que apontam uma possível dimensão biográfica na produção desse escritor *pós-antigo*. Tal análise lança luz sobre aspectos complexos da fortuna crítica de Luciano, uma vez que, devido à escassez de informações, é preciso sempre cautela entre a negação total da relação entre as vivências históricas desse autor em sua própria época – tal como esboçadas em seus textos – e a leitura que confunde o autor com algumas de suas personagens.